



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HISTORIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

FLÁVIO LIMA

**A CAPOEIRA ENQUANTO PRÁTICA CULTURAL NA
E.M.E.F. SEVERINO MARINHEIRO**

**CAMPINA GRANDE – PB
2012**

FLÁVIO LIMA

**A CAPOEIRA ENQUANTO PRÁTICA CULTURAL NA
E.M.E.F. SEVERINO MARINHEIRO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientador (a): José do Egito Negreiros Pereira.

**CAMPINA GRANDE – PB
2012**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

L732c Lima, Flávio.

A capoeira enquanto prática cultural na EMEF. Severino Marinheiro [manuscrito] / Flávio Lima. – 2012.

38f. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2012.

“Orientação: Prof. Me. José do Egito Negreiros Pereira, Departamento de História”.

1. Ensino de História. 2. Capoeira - Educação. 3. Paraíba. I. Título.

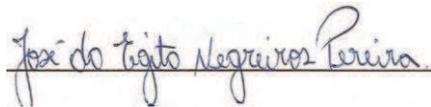
21. ed. CDD 372.89

FLÁVIO LIMA

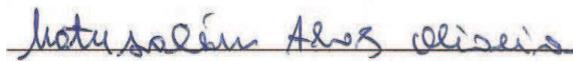
**A CAPOEIRA ENQUANTO PRÁTICA CULTURAL NA
E.M.E.F. SEVERINO MARINHEIRO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação de História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em História.

Aprovada em : 07/12/2012.



Profº Ms. José do Egito Negreiros Pereira - **UEPB**
(Orientador)



Prof. Ms. Matusalém Alves de Oliveira - **UEPB**
(1º Examinador)



Profª Drª Maria Lindaci Gomes de Souza - **UEPB**
(2º Examinadora)

Dedico este trabalho aos meus familiares: Francisco Lima (pai) (*In memórian*) Ana
Maria Lima (mãe), aos irmãos Ana, Ariana e Fabrício.

AGRADECIMENTOS:

Primeiramente a Deus, que está sempre presente na minha vida. A todos da Associação Cultural de Capoeira Badauê em especial ao Mestre Sabiá e ao Professor Edimilson Eduardo Rodrigues (Luanda) e ao Instrutor Augusto; a minha companheira Socorro Xavier; Alemão Moto Táxi que fez o abstract; a todos da turma de Historia 2007.2 e aos que a ela foram se juntando; aos irmãos capoeira, aqueles que acreditaram na minha potencialidade e no meu trabalho e aos que duvidaram, pois, é por eles que eu venci.

De modo especial, quero destacar meu orientador **José do Egito Negreiros Pereira**, que sempre com muita atenção e dedicação, teve disposição e educação de me ensinar e orientar, aos amigos Roberto, João Paulo e Edimilson Leite, Elisangela Cely, Milene Trajano e Silvano Nascimento; aos motoristas do transporte público do município de Juazeirinho-PB, por nos conduzir com segurança, e aos de Assunção e Junco do Seridó pelas caronas.

À todos muito axé e que os orixás os guie nessa jornada aqui neste planeta maravilhoso chamado TERRA.

RESUMO:

Este trabalho está voltado para a discussão a respeito das novas abordagens do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira através da capoeira, enfatizando como a capoeira pode auxiliar no cumprimento da Lei 10.639/2003 que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira nas escolas de ensino fundamental e médio, das redes públicas e particulares de ensino. Tendo como base a análise das experiências vivenciadas na Escola Municipal de Ensino Fundamental Severino Marinheiro no município de Juazeirinho-PB. A metodologia utilizada teve por base as novas abordagens metodológicas para o ensino de História e a leituras de alguns pesquisadores de nossa historiografia brasileira sobre o assunto de Sidney Chalhoub a Maria Cristina Cortez Wissenbach. Teorizou-se como a capoeira pode ser utilizada no ensino da História da África e do Afro-Brasileiro e a inclusão da História da Capoeira associada à prática nas aulas de Educação Física. Verificou-se também que a capoeira, a princípio, era vista como uma prática marginal e que só aparecia nos inquéritos policiais e nas penas dos escravos de polícia. Porém, em razão das mudanças no *metier* (Ofício) do historiador, provocado pela “Revolução Francesa da Historiografia” (Os Annales), a capoeira passa a ser objeto de investigação dos pesquisadores brasileiros, em razão das mudanças historiográficas propõem uma história das pessoas comuns_ “uma história vista de baixo”.

Palavras-chave: Capoeira. Ensino de História. Mestres de Capoeira.

ABSTRACT:

This work is focused on the discussion of new approaches to teaching History and Culture through Afro-Brazilian capoeira, emphasizing how capoeira can assist in the fulfillment of the Law 10.639/2003 mandating the teaching of African History and Culture Afro-Brazilian in elementary schools. Based on the analysis of experiences in the School Hall Elementary School in the Municipality of Severino Sailor Juazeirinho-PB. The methodology used was based on new methodological approaches to the teaching of history, and the review of our Brazilian historiography Sidney Chalhoub-De Maria Cristina Cortez Wissenbech. Theorized as capoeira can be used in teaching the History of Africa and the Afro-Brazilian, and the inclusion of history of capoeira associated with the practice in Physical Education classes. It was also found that the associated capoeira was seen as a marginal practice and only appeared in police investigations and the penalties actuaries police, however, as the call due to changes in metier (Legal) caused by the historian's "French Revolution of historiography", with it, the Historiography that before only spoke of blacks, prioritizing the scope of slavery, but with this change, capoeira begins to appear in the pages of timidly textbooks.

Keywords: Capoeira. Teaching History. Masters of Capoeira.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPITULO I - A CAPOEIRA NO BRASIL: VISÕES	12
1.1 POR QUE A CAPOEIRA PRATICADA INICIALMETE NO BRASIL É CHAMADA DE ANGOLA?.....	13
1.2 KAPUEIRA, CAÁ POEIRA OU CAPOEIRA?.....	14
1.3 CARACTERÍSTICAS DA CAPOEIRA	15
1.4 A CAPOEIRA E O RECONHECIMENTO COMO PATRIMÔNIO HISTÓRICO IMATERIAL.....	18
CAPITULO II - NA TRILHA DA CAPOEIRA	21
CAPITULO III - A CAPOEIRA NA REDE DE ENSINO DE JUAZEIRINHO-PB	26
3.1 DAS AULAS PRATICAS.....	28
3.2 DAS AULAS TEORICAS.....	31
3.3 A CAPOEIRA E O PROCESSO PEDAGOGICO.....	31
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	37

A capoeira é o que o momento determina, pode ser uma brincadeira ou uma luta de vida ou morte (Mestre Camisa).

INTRODUÇÃO

*No saculejo do navio que eu cheguei aqui
 Meio morto meio vivo mais não desisti
 E o meu corpo desceu leve desceu la dos ARES
 Meio morto meio vivo foi o que eu me senti
 A sua chibata por mais que me bata se ela não me ataca eu vou resistir
 A sua chibata por mais que me bata se ela não me mata eu volto a fugir
 Mais quem nasceu pra ser guerreiro não aceita cativo por isso que eu fugi
 Quem nasceu pra ser guerreiro não aceita cativo por isso que eu fugi
 Ô Lê ô Lê Ô Lê Zumbi Ô Lê ô Lê capitão da mata vem ai.
 Bis...
 (Mestre Liminha)*

Muitos trabalhos vêm sendo elaborados a respeito da capoeira como, por exemplo, o trabalho de Carlos Eugênio Líbano Soares intitulado de *A capoeira escrava: outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro 1808-1850*, Este trabalho pretende destacar a capoeira como uma manifestação da cultura popular brasileira que além de arte/luta, serviu como arma na luta pela liberdade do negro. Hoje ela surge como patrimônio cultural brasileiro, se mostrando como um excelente aprendizado para os alunos, permitindo o entendimento das transformações socioculturais ocorridas no Brasil e atuando no processo pedagógico, haja vistas, que ela consegue atingir o tripé cognitivo, social e motor. A capoeira se apresenta como luta, jogo, dança e brincadeira, praticada ao som de instrumentos de percussão como, berimbau, pandeiro, atabaque, agogô e reco-reco. A capoeira no ensino de História consegue fazer com que o/a aluno(a) aprenda de maneira prazerosa os elementos formadores da cultura afro-brasileira.

Entendemos que as escolas bem como os/as professores/as não estão preparados/as para lidar com a temática relacionada às contribuições do negro no contexto da História do Brasil, apesar de quase 10 anos da Lei 10.639/2003, hoje alterada pela Lei 11.645/2008, pois, quando alguns professores se dispõem a trabalhar na temática, esbarram na falta de material didático.

O objetivo deste trabalho é apresentar a capoeira como fonte de estudo para o ensino da História e da Cultura afro-brasileira, tendo como exemplo, as escolas públicas do

Município de Juazeirinho-PB, atendendo o disposto na Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB), a Lei 10.639/2008, alterada pela Lei 11.645/2008. Ele está dividido em três capítulos. No primeiro capítulo, abordamos a vinda dos escravos para o Brasil; a razão pela qual a capoeira praticada inicialmente no Brasil é chamada de Angola; a origem da palavra capoeira e as principais características da capoeira até o seu reconhecimento como patrimônio cultural brasileiro.

No segundo capítulo, proponho-me a investigar como a capoeira é descrita pela historiografia brasileira, a participação dos capoeiristas nos movimentos de manobras políticas, na guerra do Paraguai e em outros movimentos de contestação, bem como as campanhas de perseguições movidas pelas autoridades policiais durante o governo republicano.

No terceiro e último capítulo, analisarei as experiências do ensino da capoeira na Escola Municipal de Ensino Fundamental Severino Marinheiro, na cidade de Juazeirinho-PB, onde percebemos a interação do ensino da capoeira através das disciplinas de História e a Educação Física, promovendo um ensino plural e interdisciplinar.

Espero com esse trabalho, contribuir para uma melhor valorização da cultura Afro-Brasileira, para difusão da capoeira e principalmente, buscando qualificar o ensino da capoeira dentro do currículo escolar, salientando que a capoeira além de fazer parte das manifestações culturais Afro-Brasileira, a sua História está entrelaçada com a História do Brasil e aprender a capoeira é aprender todo o contexto histórico, político e social que envolve a presença do negro no Brasil.

CAPITULO I

A CAPOEIRA NO BRASIL: ASPECTOS HISTÓRICOS

“Passei a vida inteira sem saber nada de capoeira e agora que estava aprendendo, está na hora de ir.”

(Mestre Valdemar da Paixão Rodrigues).

É notório na fala do Mestre Valdemar, que na capoeira bem como na História não existe uma verdade absoluta, a História da capoeira é marcada por divergência de informações, a respeito do seu surgimento, do seu próprio nome, quanto sua identidade ser brasileira ou africana.

Há uma severa discussão quanto à origem da capoeira, nesse aspecto há um grande questionamento entre África ou Brasil. A discussão é se a capoeira é brasileira ou africana? De acordo com pesquisas e algumas leituras realizadas, detectamos que a capoeira tem sua origem no Brasil colônia e foi criada por negros africanos que foram trazidos para o Brasil onde eram utilizados como mão de obra nas lavouras de cana-de-açúcar, nesse aspecto alguns estudiosos do assunto afirmam que a capoeira é de origem afro-brasileira, que ela é filha de pais africanos, porém, nascida no Brasil.

No período colonial, após o ciclo do pau-brasil, surge como uma nova fonte de riqueza o plantio da cana-de-açúcar que se constitui numa atividade econômica extremamente lucrativa. Para esse tipo de atividade, era necessária uma demasiada mão de obra. Foi então que surgiu o seguinte questionamento: Quem vai trabalhar na lavoura açucareira? Primeiro tentou-se a mão-de-obra nativa, com a utilização dos {indígenas}, essa tentativa não foi bem sucedida por diversos fatores, foi aí que se optou pela mão de obra do escravo africano. Neste momento, começaram a trazer pessoas de diversos países do continente africano para o abastecimento dessa mão de obra que seria utilizada nas plantações de cana-de-açúcar em um plantio de grandes quantidades de terra, denominados de PLANTATION.

Pessoas de várias tribos africanas foram trazidas para o Brasil onde passaram a viver em regime de escravidão. A escravidão no Brasil foi uma das piores do mundo, chegando a se

perpetuar por quase 300 (trezentos) anos. A escravidão no Brasil foi uma das mais severas, no entanto, a existência de mão de obra escrava não se deteve ao Brasil, no continente Africano já existiam escravos. Os escravizados da África baseavam-se em dois tipos de escravidão: a escravidão comercial e a escravidão patriarcal, que, de acordo com Mocellin (2001, p. 50): “Na escravidão comercial, os Estados que a praticavam obtinham enormes lucros vendendo cativos para mercados distantes”. Já a escravidão patriarcal consistia de acordo com esse autor naqueles escravos obtidos por meio de guerras ou por transgredir a Lei. “De uma forma geral, eram bem tratados e incorporados à vida da tribo, tanto que na escravidão patriarcal, o filho do escravo geralmente era livre, ou seja, a escravidão não era hereditária”.

1.1 Por que a capoeira praticada inicialmente no Brasil é chamada de Angola?

De acordo com Mocellin (2001), a maior parte dos escravos trazidos para o Brasil tem origem em três grandes regiões da África: em primeiro lugar, eram do Senegal e Serra Leoa, segundo, da região situada entre os rios Walta e Niger (a chamada costa do escravo) e a terceira, do Congo, Angola e Moçambique, na sua grande maioria era os Congos Bantos Angolenses.

É curioso chamarmos a capoeira de Angola quando não há registro de que ali era praticada essa luta/dança. Para alguns estudiosos do assunto, essa explicação está relacionada ao lugar de onde vieram os inventores da capoeira, o etnógrafo Baiano Waldeloir Rêggo afirma que os negros chamaram a capoeira de Angola em homenagem a sua terra natal ou a região de onde vieram. Benjamim no seu livro *A África está em nos* afirma que:

A denominação capeira-de-Angola parecia indicar uma origem africana. Pesquisas realizadas na África não localizaram qualquer tipo de dança, jogo ou luta que se assemelhasse a capoeira, embora, em diversas regiões daquele continente haja danças, rituais de caça e modalidades de defesa pessoal que podem indicar para uma raiz longínqua da manifestação brasileira (BENJAMIM, 2004, p.59).

1.2. Kapueira, Caá poeira ou Capoeira?

Quanto à grafia da palavra, a dúvida que persiste é, se é escrito kapueira, caá poeira, ou capoeira. Optando-se pelo último, a palavra caá poeira de origem tupi Guarany, no Aurélio tem o significado de mato ralo ou que foi cortado, alguns estudiosos sustentam que o nome capoeira deu-se por conta dos escravos falarem “vamos treinar na capoeira”, e de tanto se repetir essa palavra é que pegou o nome de capoeira, a essa dança/luta.

Outros ainda afirmam que o nome capoeira foi instituído por conta que os negros fugidos se refugiavam dentro da mata rasteira e os capitães do mato ao entrar na mata com ânsia de recapturá-los eram surpreendidos com ataques de ponta-pés e cabeçadas:

O nome Capoeira se deu por motivos de os negros fugitivos ao adentrarem na mata, os capatazes corriam mata adentro na ânsia de recapturá-los, ai os negros se defendiam atacando-os com pés, mãos e cabeçadas, batendo nos capatazes e até mesmo matando alguns deles, porém, os que sobreviviam ao retornarem as fazendas eram indagados, os senhores perguntavam-lhes: Cadê os Negros? E a resposta era a seguinte: “nos pegaram na capoeira” referindo-se ao local onde foram vencidos, que era a vegetação rasteira onde os negros se escondiam. (Mestre Sabiá, 2004, p.13).

O etnólogo Rego (apud Buenos, 1997) afirma que o jogo nasceu quando os escravos com seus cestos de aves chamados de capoeira brincavam de lutar nas horas de folga, e, outras teorias para o vocábulo como a que relaciona a luta travada por pássaros (*Odontophorus capueira - Spix*) com os movimentos da capoeira.

Padre José de Anchieta, em seu livro intitulado *A arte da gramática da língua mais usada na Costa do Brasil*, cita que o vocábulo capoeira é de origem tupi-guarani que significa "mato-ralo", descreve também, que os próprios índios divertiam-se jogando capoeira. (ANCHIETA apud PINATTI, 1984).

Mas afinal de contas à capoeira é uma dança, uma luta ou uma arte? Estudiosos afirmam que a capoeira é uma mistura de luta, dança, cultura arte popular e música. Conforme relatos do Mestre Camisa: “A capoeira faz parte do momento, pode ser uma brincadeira ou uma luta de morte”. Nas senzalas era praticada como uma brincadeira uma dança, para não sofrer repressão dos seus senhores. Em outros momentos, no meio do mato quando os negros sofriam perseguições, a capoeira se transformava numa arma de ataque e defesas onde Zumbi

dos palmares é considerado o primeiro mestre nesse tipo de luta. Em outro contexto, a capoeira aparece como um meio de afirmação da cultura negra.

1.3. Características da Capoeira

A capoeira é caracterizada por movimentos complexos, de destreza e agilidade. Ela é praticada ao som de instrumentos de percussão, palmas e música, isso faz com que a capoeira se diferencie de outros tipos de artes marciais como (Judô, Karatê, Jiu-Jitsu, etc.).

A “dança” ou “luta” da capoeira é executada por 02 (dois) parceiros, ao toque do berimbau, no desenrolar os jogadores simulam intenções de ataque e defesa. Praticar essa “dança” exige-se habilidade, força e autoconfiança que se adquire com bastante treino. Além disso, os jogadores devem ter uma relação de cumplicidade um com o outro. Tudo começa com um breve aquecimento seguido de um movimento conhecido como “gingado”, do qual nascem todos os outros movimentos, que surge num desenrolar aparentemente espontâneo e natural.

A capoeira se diferencia de outras lutas por sua maior liberdade de criação. De acordo com Mestre Pastinha:

A capoeira é uma modalidade de luta que se distingue de qualquer outra modalidade esportiva. Possui características que a identificam de uma forma indiscutível, o que não acontece com alguns outros métodos de luta como, por exemplo: judô, jiu-jítsu, luta livre americana, onde determinados golpes são comuns às três modalidades (PASTINHA, 1988, p. 24).

Além disso, a capoeira também valoriza a obediência aos rituais, à preservação das tradições e o respeito à todos, especialmente aos "mais velhos". A capoeira no início era praticada ao som de palmas, depois veio o primeiro instrumento, que ao contrário do que muitas pessoas pensam, não foi o berimbau, esse instrumento foi o tambor ou atabaque instrumento usado tanto na capoeira, como no candomblé. Posteriormente veio o berimbau (instrumento de uma corda só, que tem origem no povo africano “banto”) que passou a ser o principal instrumento da capoeira, pois ele é quem dá o ritmo da “dança”. O berimbau já existia e era usado por vendedores ambulantes para chamar a atenção dos fregueses, porém, só foi introduzido na capoeira a partir do século XIX.

Com a modernização da capoeira passa-se a usar de uniformes ou “abadás” (camisas folgadas, feitas de algodão ou material sintético) e calças brancas, também folgadas, para não atrapalhar os movimentos. O uso dos uniformes, bem como a criação de batizado (o batizado na capoeira é diferente do batismo religioso, o batismo na capoeira consiste em o aluno iniciante jogar pela primeira vez com um mestre ou professor convidado) e dos eventos com oficinas de capoeira que agora virou *workshop* e fruto do capitalismo.

O uso de “cordas” ou “cordéis”. Assim como a faixa nos demais esportes de luta, simboliza o grau de aperfeiçoamento, experiência e técnica do praticante da luta. As cores das cordas de capoeira variam de grupo para grupo e de região para região. É comum os professores e mestres darem um “nome de batismo”, um apelido pelo qual é reconhecido por todos os companheiros de “luta”.

Acostumou-se ver na capoeira a uma divisão em dois grandes seguimentos: Angola e Regional. A capoeira Angola que tem como seu legítimo representante Vicente Ferreira Pastinha (Mestre Pastinha), caracterizada por movimentos lentos e rasteiros, onde o praticante demonstra todo o domínio dos movimentos e Malandragem de jogo que defendia ser a capoeira Angola a legítima capoeira:

Pratico a verdadeira Capoeira Angola e aqui os homens aprendem a ser leais e justos. A lei da Angola que herdei de meu avô é a lei da lealdade. A capoeira Angola, a qual aprendi, não deixei mudar aqui na academia. Os meus discípulos zelam por mim. Os olhos deles agora são os meus.¹

Já a capoeira Regional representada por Manoel dos Reis Machado (Mestre Bimba), é caracterizada por movimentos mais rápidos e golpes secos e sequenciados.

A capoeira regional foi criada por Bimba quando ele, achando que a capoeira Angola estava muita folclorizada, resolveu criar uma Física Regional Baiana, que acabou se transformando no que hoje conhecemos como capoeira regional (capoeira Regional porque inicialmente era praticada apenas na região da Bahia) então o que Mestre Bimba fez: ele manteve a base da capoeira Angola e acrescentou golpes de outras lutas, tais como Karate, jiu jitsu e do batuque (luta que usava muitas caneladas e machucava muito, pois, o lutador tinha que ficar parado esperando receber o golpe do outro lutador e vise versa). Hoje em dia com o modismo já se ouve fala em capoeira Moderna, contemporânea e capoeira estilizada, que nada

¹Cf. <http://capoeiraexports.blogspot.com.br/2011/01/pastinha-filosofia-da-arte-luta.html>.

mais é do que aqueles que praticam a angola e a regional acrescentada de elementos de ginástica e de contorcionismo.

A capoeira hoje passou a ser reconhecida como Patrimônio Histórico Nacional, mas em tempos anteriores passou por momentos difíceis, principalmente no momento de transição Monarquia/República, quando a capoeira passou a ser usada para os mais variados fins; de acordo com adorno:

À época do período colonial, a presença da capoeira já se encontrava de tal forma sedimentada na sociedade que os capoeirista passaram a formar uma classe. Premidos pelas circunstâncias, faziam usos variados da habilidade que a arte lhes conferia. Com o emprego de diversos instrumentos de ataque e defesa, passaram a presta serviços aos membros das classes dominantes, que deles se serviam para a execução de crimes que garantia a continuidade no poder (ADORNO, 1987, p. 30)

Por essas e outras razões foi que o então Governo Republicano de Marechal Deodoro da Fonseca, coloca a capoeira no código penal da República dos Estados Unidos do Brasil, quando foi feito o novo código penal que proibia a prática da capoeira, por meio do Decreto Lei nº. 487, intitulado “dos vadios e dos capoeiras”. Com a seguinte redação:

“Capítulo XIII: Dos Vadios e Capoeiras.”

“**Art. 402.** Fazer nas ruas e praças públicas exercícios de agilidade e destreza corporal conhecidos pela denominação capoeiragem; andar em correrias, com armas ou instrumentos capazes de produzir uma lesão corporal, provocando tumultos ou desordens, ameaçando pessoa certa ou incerta, ou incutindo temor de algum mal:

Pena – de prisão cellualar por dous a seis mezes.

Paragrapho unico. E’ considerado circunstancia aggravante pertencer o capoeira a alguma banda ou malta.

Aos chefes, ou cabeças, se imporá a pena em dobro.

Art. 403. No caso de reincidencia, será applicada ao capoeira, no gráo maximo, a pena do art. 400.

Paragrapho unico. Si for estrangeiro, será deportado depois de cumprida a pena.

Art. 404. Si nesses exercicios de capoeiragem perpetrar homicidio, praticar alguma lesão corporal, ultrajar o pudor publico e particular, perturbar a

ordem, a tranquilidade ou segurança pública, ou for encontrado com armas, incorrerá cumulativamente nas penas cominadas para tais crimes².

Com isso, a capoeira passou a ser proibida, diz-se que aquele que era pego jogando capoeira era levado para o quartel amarrado em rabo de cavalo. Tanto se brinca e dizem que era melhor jogar próximo ao quartel, por que aí a distância era pequena. A capoeira permaneceu na proibição por muito tempo, até que, de acordo com Manoel de Barros: “Em 1934, Getúlio Vargas então presidente do Brasil interessado no voto, Feminino, dos analfabetos, dos soldados etc. Extingue o decreto Lei que proibia a capoeira e a prática de cultos Afro-Brasileiros”. Porém, essa prática, de acordo com esse autor, deveria ser realizada fora das ruas e em recinto fechado, com alvará de instalação (assim a capoeira dá seu primeiro passo para sair da ilegalidade). Contudo, como podemos perceber, a capoeira, bem como as práticas de religiosidade afro, continuaram às margens da sociedade elitista, embora que algumas personalidades consideradas ilustres visitassem esses locais as escondidas.

Enquanto nos Estados como Rio de Janeiro e Bahia a capoeira era praticada como uma atividade marginal. Na Paraíba, ela só veio a aparecer em meados dos anos 1970, de acordo com informações obtidas, foi através do Mestre “Zumbi Bahia” que a capoeira penetra na Paraíba, esse mestre implantou o primeiro trabalho de capoeira em nosso Estado. Segundo relatos da Associação Cultural de Capoeira Badauê, a abertura oficial da capoeira na Paraíba se deu em 05 de agosto de 1978, com o espetáculo *Berimbau de Ouro Show* que contou com a participação de grandes mestres da Bahia tais como Mestre Dinho, Fininho, Raimundo, Gracinha e Mestre boa Gente³.

1.4 A Capoeira e o reconhecimento como Patrimônio Nacional

A capoeira embora tenha dado suas contribuições para o povo brasileiro como, por exemplo, na defesa da pátria, como ocorreu na guerra do Paraguai, onde capoeiristas defenderam bravamente nosso território, mesmo assim sua prática era considerada proibida mediante a lei. Hoje, ela é reconhecida como patrimônio cultural brasileiro registrada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Entrando para o rol de patrimônios imateriais brasileiros. E o que é patrimônio histórico imaterial?

² Cf. <http://www.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=66049>

³ Cf. www.capoeirabadauê.com.br.

Patrimônio cultural imaterial são representações da cultura brasileira como: as práticas, as formas de ver e pensar o mundo, as cerimônias (festejos e rituais religiosos), as danças, as músicas, as lendas e contos, a história, as brincadeiras e modos de fazer (comidas, artesanato, etc.), junto com os instrumentos, objetos e lugares que lhes são associados, cuja tradição é transmitida de geração em geração pelas comunidades brasileiras. Com a inclusão da capoeira, o Brasil passa a ter 14 bens culturais registrados⁴.

Todo esse crescimento da capoeira se deu pelas lutas dos Mestres e praticantes dessa arte, bem como pelas lutas dos adeptos e simpatizantes e pelas lutas dos movimentos afirmativos e movimento negro que culminaram em leis, a exemplo da Lei 11.645/2008. Que altera a lei 10.639/03 que por sua vez alterava a LDB (9.394/96) e determina a inclusão no currículo da rede oficial de ensino fundamental e médio, em instituições públicas e particulares à obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Africana”. O conteúdo programático, refere-se ao estudo da História da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional tendo como objetivo resgatar a contribuição do povo negro nas áreas sociais, econômicas e políticas. Esses conteúdos serão ministrados em todo o currículo escolar, mas especialmente nas disciplinas Educação Artística, Literatura e História Brasileira e deve ser feito por diversos meios, ou seja, em atividades curriculares ou não.

Graças a essas lutas, a capoeira hoje passou a ser praticada como uma atividade educativa, inclusive duas prefeituras da Paraíba lançaram editais de concursos públicos onde eram oferecidas vagas para o cargo efetivo de Monitor de Capoeira. As cidades são: São Bento e Brejo do Cruz; cujo edital se encontra no endereço eletrônico: (<http://concursosnobrasil.com.br/edital-concurso/edital-concurso-de-sao-bento-paraiba>). Isso mostra o quanto a capoeira evoluiu do século XIX até os dias atuais, passando de uma atividade marginal, para uma atividade sócio-educativa.

Neste capítulo abordamos uma parte da História da Capoeira, pois, como é sabido, o universo da capoeira é infinito, um exemplo é o mestre Pastinha que morreu aos 89 anos de idade e outros tantos de capoeira e “dizia que ainda está aprendendo a capoeira”.

Por outro lado, esbarramos na falta de documentação, nos limitando a depoimentos de mestres em documentários e alguns livros e revistas especializadas no assunto. De acordo com alguns pesquisadores que buscam escrever sobre a história da escravidão e da capoeira

⁴Cf. <http://www.cultura.gov.br/site/2008/07/15/iphon-registra-capoeira-como-patrimonio-cultural-brasileiro>.

no Brasil, afirmam que o fato de não sabermos alguns detalhes quanto a esse assunto é porque:

De toda maneira, ao contrario de outras nações, onde o passado escravocrata sempre lembrou violência e arbítrio, no Brasil a Historia foi reconstruída de forma positiva, mesmo encontrando pouco respaldo nos dados e documentos pregressos. Em 04 de Dezembro de 1890, Ruy Barbosa - Então Ministro das finanças - ordenou que todos os registros sobre escravidão existentes em arquivos nacionais fossem queimados (SCHWARCZ, 1998, p.188).

Estes fatos deixarei para que o leitor faça seu julgamento, nos reservamos a opinar a cerca do assunto para não cometermos o erro ou cairmos em determinismos.

CAPITULO II

NA TRILHA DA CAPOEIRA

Os caminhos percorridos pela capoeira nos livros de História, trazem a imagem do indivíduo praticante daquela “arte”, como um tipo de sujeito brigão, arruaceiro e que andava em maltas sempre prontas para arrumar uma boa confusão, no livro *Visões da Liberdade*, encontramos relatos de uma briga onde os supostos agressores se declaram capoeiristas:

Os depoimentos dos três guardas urbanos que participaram das prisões dos acusados sugerem que os policiais não tinham como saber se havia escravos entre os envolvidos no tumulto. Jose Siqueira, por exemplo, afirmou que prendera ‘o acusado Maximiano que diz ser escravo de Antonio Correia de Sá Lobo’; o guarda José Bastos disse que conseguira deter ‘o acusado Zeferino que diz ser escravo de Luiz José da Silva’. O terceiro guarda urbano se refere aos rapazes em luta genericamente como ‘vários indivíduos suspeitos parecendo serem capoeiras’. (CHALHOUB, 1990, p. 230).

De acordo com Chalhoub (1990), os dois primeiros conseguiram se livrar das acusações sem sequer serem levados a Júri, o terceiro, “Maximiano considerado como principal suspeito da morte de Oscar, o Juiz de Direito decidira inicialmente pronuncia-lo reclamando das “maltas de capoeira, que infestava a corte” (Idem, 1990, p. 230).

É dessa forma como vamos percebendo os primeiros registros da capoeira no Brasil imperial e posteriormente numa boa parte do período republicano.

Os capoeiristas estavam em toda a parte, eles integravam as forças armadas e lutaram bravamente na guerra do Paraguai, na revolta dos mercenários entre outras guerras, porém, poucos são os registros na historiografia oficial. Buscamos em Maria Cristina Cortez Wissenbech, relatos de recordação de uma ex-escrava e ex-moradora do quilombo Jabaquara:

Foram esses momentos tão marcantes quanto sua união com Manuel Leocádio, um “crioulo desempenado, capoeira destemido e com batuque que só vendo” e de quem não se separava nem mesmo quando este era recrutado para as tropas, acompanhando aos cenários de luta locais. Só não o pode fazer quando o seu companheiro foi enviado como combatente à guerra de canudos, de onde nunca mais voltou.
(WISSENBECH, 1998.p. 89)

O capoeira ou capoeirista tinha uma identidade própria, era um tipo social, um homem destemido e desconfiado, que estava sempre em alerta, era reconhecido nas ruas seja por suas

roupas folgadas, ou pelos adereços usados pelos mesmos, Wissenbach descreve o capoeirista como sendo:

O capoeira era um individuo desconfiado e sempre precavido. Andando nos passeios, ao aproximar-se de uma esquina tomava imediatamente a direção do meio da rua; em viagem, se uma pessoa fazia o gesto de corteja a alguém, o capoeira de súbito, saltava longe com a intenção de desviar uma agressão, embora imaginária (Idem, 1998, p. 125).

Como já mencionado no primeiro capítulo, os capoeiras prestavam serviços relevantes à pátria, bem como, sua força foi usada para realização de serviços sujos, como interferência de resultados nos pleitos eleitorais, emprenhando urnas e até acabando com comícios dos rivais:

Ao longo do império, sobretudo na segunda metade do século XIX, os capoeiras foram elementos indispensáveis nos pleitos eleitorais das cidades do Nordeste e na movimentação política da corte, os preferidos dos aliciadores na guerra contra os paraguaios, abriam as procissões religiosas e o desfile dos ranchos negros nos carnavais do início do século. No entanto figuras potencialmente perigosas, suas lideranças foram as primeiras a sofrer as intensas campanhas e perseguições movidas pelas autoridades policiais da República, sobretudo nos grandes centros urbanos (Idem, 1998, p.126).

Os primeiros documentos falam do praticante de capoeira como um tipo marginal, eram sujeitos que andavam em “bandos ou maltas” provocando tumultos e desordem em todos os cantos da cidade, tirando a paz e o sossego da população. Para Soares, a capoeira:

Antes de ser “descoberta” pelos historiadores, há poucas décadas, a capoeira já tinha vivido suas aventuras nas páginas da literatura, dos cronistas, dos memorialistas do passado imperial do Rio de Janeiro. E antes mesmo destes, num passado remoto, a capoeira só era testemunhada pela pena dos escrivães de policia (SOARES, 2002, p. 35).

Esse cenário passou a tomar um novo caminho a partir do trabalho de Gilberto Freyre, ao publicar sua obra *Casa grande e Senzala*, Freyre ao abordar o negro como elemento fundamental na construção da identidade brasileira, iguala todas as culturas do negro junto com a cultura do branco e do índio, sem que uma seja considerada superior a outra. Freyre inaugura o chamado mito da democracia racial e com isso passa a inserir elementos da cultura negra, indígena e europeia como elementos fundamentais para a formação do estado brasileiro. Dessa forma há uma maior abertura para a cultura do negro.

O retrato pintado por Luis Eduardo tornou-se famoso por sintetizar o olhar de toda uma geração, aquela que havia assistido, na juventude, à fulminante repressão desencadeada por Sampaio Ferraz, o chefe de polícia do recém-instaurado regime republicano, que tinha varrido as maltas do novo Distrito Federal-fato saudado com júbilo pelos habitantes respeitáveis da cidade do Rio de Janeiro-e que agora vivia o sentimento de resgate, de restauração nacionalista, recuperando a capoeira para o mundo dos “sports”, da tradição nacionalista, da busca de uma identidade cultural em que a cultura renegada tinha, então, lugar cativo no coração da elite intelectual (SOARES, Op. Cit. 2002. p. 45).

Os negros tinham no samba e na capoeira uma forma de se expressar e de manter suas tradições, quase sempre perseguidos pelo dominante, mas, durante os anos 30, começa uma reversão de papéis e a cultura mestiça despontada como representação autêntica da nação brasileira e a capoeira que antes era reprimida, passa a ser vista como uma luta nacional, passando a ser praticada por pessoas de diversas classes sociais:

A capoeira - reprimida pela polícia do final do século passado e incluída como crime no código penal de 1890 - é oficializada como modalidade esportiva nacional em 1937. Também o samba passou da repressão a exaltação, de ‘dança de preto’ a canção brasileira para exportação. (SCHWARCZ, 1998, p. 196).

É interessante destacar que as abordagens sobre o negro e a capoeira em História ganharam mais visibilidade e dizibilidade, a partir das inovações da historiografia brasileira nas últimas décadas do século passado. Isto foi possível, em razão das mudanças no *metier* (Ofício) do historiador provocado pela “Revolução Francesa da Historiografia”, a Escola dos Annales, de modo que a história tradicional, aquela pautada nos grandes acontecimentos e nos grandes vultos da pátria, foi aos poucos dando lugar para uma história problematizadora, as quais chamam de “Nova História”. Essa nova maneira do fazer História, tem como característica a valorização dos eventos socioculturais, trazendo a tona os personagens antes excluídos da História oficial, como por exemplo: pobres, vagabundos, prostitutas, negros, índios, mulheres, etc. Trata-se, da chamada história “vista de baixo”, como podemos verificar no trabalho do famoso historiador inglês Peter Burke⁵.

O estudo de tais temas tem como propósito preencher as lacunas deixadas pela História “Tradicional”, dando vez e voz aos excluídos. Podemos perceber na produção dos novos livros didáticos, algumas modificações que ocorreram de forma qualitativa relacionada, principalmente, com a mudança na perspectiva historiográfica brasileira, como podem

⁵Cf. SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE, Peter (org.). *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.

perceber na coleção “*A África está em nos*” de Roberto Emerson Câmara Benjamim, que traz a capoeira não mais como uma atividade marginal.

A capoeira aos poucos vai saindo da ilegalidade e conquistando mais adeptos, simpatizantes e praticantes dessa arte/luta por todo o Brasil, e conseqüentemente sendo exportada para outros países. Hoje a capoeira passou das penas dos escrivães de polícia e começa a integrar parte do conteúdo dos livros didáticos, a exemplo dos trabalhos do Professor Benjamin:

No País inteiro foram se abrindo academias de capoeira e o desporto foi admitido nas escolas de Educação Física, academias de ginástica e de pugilismo, nas escolas de formação de policiais e nas universidades. Deixou de ser uma prática das classes populares, para se tornar uma atividade esportiva e de defesa pessoal em todas as camadas da sociedade. A difusão já alcançou o exterior, praticando-se a capoeira em países da Europa, no Japão e nos Estados Unidos (BENJAMIN, 2004, p. 61).

Essa nova forma de abordagem dos estudos de História sofreu influencia da chamada “revolução da historiografia” na Europa, iniciada pela *Escola dos Annales*, fundada na França em 1929. Como luta de libertação, a capoeira já mostrou seu potencial. Nas aulas de Educação Física, já deu suas contribuições, agora, queremos explorar seu potencial no ensino da História e da Cultura Afro-Brasileira, assim se fazendo cumprir o que determina a Lei 10.639/2008, cujo texto segue abaixo:

LEI 10.639/2008

Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida dos seguintes arts. 26-A, 79-A e 79-B:

"Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere o **caput** deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras.

§ 3º (VETADO)"

"Art. 79-A. (VETADO)"

"Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como 'Dia Nacional da Consciência Negra'."

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 9 de janeiro de 2003; 182º da Independência e 115º da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA
Cristovam Ricardo Cavalcanti Buarque

Este texto não substitui o publicado no D.O.U. de 10.1.2003⁶.

⁶- http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm

CAPÍTULO III

A CAPOEIRA NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE JUAZEIRINHO-PB

A região onde Juazeirinho está situada fazia parte das terras dos Oliveira Ledo, conforme atestam documentos da época, sendo a fazenda “Joazeiro” considerada o “marco” do povoamento. Inicialmente formou-se um pouso de tropeiros, onde se abrigavam os viajantes em suas idas e vindas ao município de Campina Grande-PB, posteriormente se constituindo abrigos de várias famílias.

O município se encontra situado a 200 Km da Capital do Estado João Pessoa, as margens da rodovia BR-230, entre o cariri e o curimatau, na região denominada médio Seridó da Paraíba. Geograficamente limita-se ao Norte com o Rio Grande do Norte com (Equador-RN) e São Vicente do Seridó- PB, ao sul com Gurjão e Taperoá; ao leste com Soledade-PB e ao oeste com os municípios de Salgadinho e Junco do Seridó.

Está assentado, basicamente, na agricultura de subsistência, pecuária e o comércio em geral. Já do ponto de vista populacional o município possui um contingente segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE-2010), com cerca de 16.476 habitantes, sendo uma pequena maioria de homens.

Apesar de já existir no município de Juazeirinho-PB, desde o ano de 2001, tendo como responsável o Professor (Luanda), a capoeira na escola Severino Marinheiro, teve início depois de muitas lutas por parte do Professor Edimilson e sua expansão foi a partir da iniciativa do então Secretário de Agricultura Garibaldi Matias Maracajá, que com muito esforço, conseguiu implantar no ano de 2010, na Escola Municipal Severino Marinheiro, através do Diretor Paulo Evangelista, o ensino da capoeira com o Professor Edimilson Eduardo Rodrigues (Luanda). A partir daí, houve interesse da direção da referida escola na participação das crianças, jovens e adolescentes envolvidos no projeto e participação nos eventos realizados pela Associação Cultural de Capoeira Badauê.



Figura 1. Arquivo Pessoal, tirada em 20 de Novembro de 2012.

Hoje, a capoeira está em plena atividade na referida escola desde janeiro de 2010 e apesar de já existir no Município de Juazeirinho desde 2001 como já mencionado anteriormente, todavia, ela só veio ser incluída na rede pública municipal, após muitos anos de insistência e depois da aprovação da qualidade e a competência do trabalho da Associação Cultural de Capoeira Badauê, foi que a direção do referido educandário em parceria com a Prefeitura municipal de Juazeirinho, implantou o projeto “**CAPOEIRA NA ESCOLA**” tornando a Escola Municipal Severino Marinheiro a pioneira no Município de Juazeirinho.



Figura 2. Arquivo Pessoal, tirada em 20 de Novembro de 2012.

As aulas de capoeira são ministradas às quartas e quintas feiras na quadra da Escola Severino Marinheiro pelo Professor Edimilson Eduardo Rodrigues, onde os alunos que estudam a tarde têm a possibilidade de frequentar as aulas de capoeira no período da manhã, já os que estudam no turno da manhã, por sua vez, podem participar das aulas de capoeira a tarde. As aulas são exclusivas para os alunos devidamente matriculados na Escola Municipal Severino Marinheiro. Hoje, as aulas contam com a participação de aproximadamente 20 (vinte) alunos de varias idades e de ambos os sexos.

3.1 Das Aulas práticas



Figura 3. Arquivo pessoal, tirada em 20 de Novembro de 2012.

As aulas práticas começam sempre com um breve alongamento, seguido de um breve aquecimento, seguida do gingado (movimento básico da capoeira). Nas aulas práticas, os alunos aprendem os movimentos básicos da capoeira, como o gingado e os golpes básicos de ataques e defesas, que se dividem em golpes desequilibrantes e golpes traumatizantes, valendo ressaltar como afirma Pastinha (1988, p. 27), A capoeira Angola tem um numero reduzido de golpes em comparação a outras modalidades de luta, podemos destacar alguns deles aqui:

- **Armada:** giro na vertical seguido de chute com um dos pés;
- **Martelo:** chute lateral executado com a parte superior do pé (peito do pé);
- **Biqueira:** chute frontal executado com a extremidade anterior do pé;
- **Meia-lua-de compasso:** esse golpe se traduz numa circunferência perfeita, giro de 360° com um pé e as duas mãos apoiadas ao chão para permitir o ataque com o calcanhar;
- **Cabeçada:** geralmente desferida contra o queixo ou caixa tóraxica;

Os golpes desequilibrantes têm a função de provocar uma desinstabilidade do outro jogador, provocando um desequilíbrio, como o próprio nome sugere. São eles:

- **Bandas:** movimento rápido, com ambas as mãos no chão, de perna estendida que descrevem uma trajetória circular à sua frente para varrer o adversário;
- **Arrastão:** estando à frente do adversário de pé, o capoeira abaixa-se e puxa suas pernas para si provocando a queda.



Figura 4. Arquivo Pessoal, tirada em 20 de Novembro de 2012.

As aulas quase sempre são ministradas ao som do berimbau, pandeiros, atabaque, agogô e reco-reco. A musicalidade faz fluir os movimentos, nos transportando para um mundo encantado, despertando a África existente em cada um de nós. Os alunos envolvidos no projeto aprendem, além da dança em si, a tocar instrumentos de percussão que fazem parte da capoeira como os acima citados, além de tocar, os alunos aprendem também a confeccionar seus próprios instrumentos, os quais aparecem na ilustração a seguir:



Figura 5, 6, 7, 8 e 9 respectivamente: Berimbau, Pandeiro, atabaque, agogô e reco-reco, são eles que compõem a bateria da capoeira Angola. Imagem da internet, disponível em: <http://www.google.com.br/search?q=instrumentos+da+capoeira+angola&hl=pt-BR&tbo=u&noj=1&site=webhp&tbm=isch&source=univ&sa=X&ei=xyTGULO6M8u0qAGQtYHAAQ&ved=0CDoQsAQ&biw=1366&bih=624>.

A música na capoeira permite que os praticantes entrem em uma espécie de transe, como nos rituais africanos, deixando-os mais excitados. As letras das cantigas, quase sempre falam da vida nas senzalas, dos castigos sofridos pelos negros e das lutas contra a escravidão.

Vejamos:

Meu bisavô me falou
Que no tempo da escravidão
Era dor muita dor
Morriam de dor os negros meus irmãos

Refrão: Dor, dor, dor

O sangue jorra no chicote do feitor

Refrão:

O negro morre de saudade sem amor

Refrão:

Dona Isabel sua lei não adiantou

Refrão:

O negro morre de Paris a Salvador

Refrão:

O sangue jorra na caneta do doutor

Refrão:

A raça negra não nasceu para ter senhor

Refrão:

Minha alma é livre o berimbau me libertou.

Na letra dessa cantiga do Mestre Tony Vargas, ele faz alusão aos castigos sofridos no tempo da escravidão, bem como da saudade que os negros sentiam de sua terra natal. O autor ainda tece críticas de forma indireta à Princesa Isabel e a Lei Áurea.

3.2 Das Aulas Teóricas

Como havíamos falado antes as aulas se dividem em práticas e teóricas. Nas aulas práticas, os alunos aprendem os golpes de ataque e defesa assim como os movimentos básicos da capoeira. Por sua vez, nas aulas teóricas os alunos participantes do projeto, aprendem o que é a capoeira, o por que do nome capoeira, qual a origem da capoeira, quem foram os grandes Mestres da capoeira Angola e da capoeira Regional como também as contribuições que cada um deles deixaram para a capoeira.

Nas aulas teóricas é onde são introduzido os conteúdos a que se referem a Lei 11.645/2008, que acrescentou a obrigatoriedade do ensino da cultura indígena junto ao ensino da cultura afro-brasileira, onde o praticante vai estudar sobre a história dos negros no Brasil, as condições em que eles foram trazidos para cá, seus trabalhos nas lavouras de cana-de-açúcar e nos cafezais. Os praticantes ainda aprendem aspectos da vida social dos negros no período colonial, além dos conteúdos referentes a História. Também, são inseridos conteúdos referentes a Geografia como, por exemplo, os lugares do continente africano dos quais esses negros foram trazidos.

O aluno ainda vai estudar qual a relação do senhor com seu escravo, os castigos aplicados aos escravos desobedientes, os instrumentos de tortura, assim podendo perceber que a escravidão, aqui no Brasil, não foi tão branda como Gilberto Freyre afirmou na sua obra *Casa Grande e Senzala*.

3.3 A Capoeira e o Processo Pedagógico

TEXTO DO MEC

A Capoeira Também Educa

“Atualmente, pedagogos, sociólogos e pesquisadores na área da Educação, são quase unânimes em afirmar que a educação crítica de um povo não pode se desvencilhar do contexto sócio-cultural deste, nem tampouco, de sua realidade presente”.

(...)

A participação da cultura popular nos conteúdos curriculares está tomando dimensões cada vez mais abrangentes. Certamente, urge a necessidade de se abrir uma brecha nos currículos para àqueles que fazem a cultura do homem

real, o homem popular, o que vive o dia-a-dia dos conflitos sociais, àquele que vem resistindo de geração a geração aos desmandos dos “grandes vultos” e dos políticos hediondos. E a capoeira está aí, com todo o seu exuberante acervo de informações, sua riqueza simbólica, seus movimentos de resistência que denotam claramente a nossa conflituosa trajetória política, impregnada de abusos de poder e dominações.

A capoeira está também com o movimento corporal, com a música, a improvisação, a arte, a dança, a liberdade, a luta de classes, enfim, numa roda de capoeira, ou outra atividade inerente a sua prática, encontram-se todos esses elementos que, certamente fazem parte do cotidiano de cada um, que se forem explorados de maneira efetiva e coerente, contribuirão, obviamente, para a instrução e a educação das nossas crianças, dos nossos adolescentes e adultos. (...) ⁷.

Muitas décadas se decorreram para que a capoeira superasse esse estigma de mazela social. Pode-se afirmar que, a história da capoeira nos últimos anos tem sido de uma trajetória de quebra de barreiras sociais. Aos poucos foi buscando seu reconhecimento como luta genuinamente brasileira, como peça do folclore nacional, sem esquecer seu potencial como instrumento educativo, importantíssimo para a consciência de nossa cultura.

O desenvolvimento técnico-pedagógico dos professores de capoeira nas últimas décadas foi imenso e não para de ocorrer. O mercado, cada vez mais exigente, foi fazendo com que os profissionais se sentissem na necessidade de aperfeiçoamento de suas técnicas e da maneira de dar aulas. O contato com professores de disciplinas sistematizadas como Geografia, Educação Física, Educação Artística e História, tem exigido dos capoeiristas um imenso esforço de atualização e sistematização de seus conhecimentos de modo a transmitir para seus discípulos.

A capoeira pode se integrar aos currículos escolares, sem a conotação de um simples passatempo, isso já deu certo com a disciplina de Educação Física, acredita-se que também poderá dar certo nas disciplinas de Artes, Geografia e História. Por outro lado, como ele é um jogo, pode desenvolver na criança suas habilidades cognitivas e motoras devido a sua riqueza de expressão e musicalidade e principalmente do seu aspecto lúdico.

Desta feita, a capoeira pode funcionar como intermediadora na aplicação da Lei 11.645/2008 altera a Lei 10.639/03 que por sua vez, alterava a LDB (9.394/96) e determina a inclusão no currículo da rede oficial de ensino fundamental e médio, em instituições públicas e particulares à obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro- Brasileira e Africana”.

⁷- MEC. INEP. ALFABETIZAÇÃO E CAPOEIRA, Jornal do professor de 1º grau, Brasília – DF, Setembro de 1986, Cartilha, p. 08.

De acordo com essa Lei, os conteúdos a que se referem serão ministrados em todo o currículo escolar, mais especialmente nas disciplinas Educação Artística, Literatura e História Brasileiras e deve ser feito por diversos meios, ou seja, em atividades curriculares ou não. Devemos salientar ainda a existência das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana de 2004, que:

[...]constituem-se de orientações, princípios e fundamentos para o planejamento, execução e avaliação da Educação, e têm por meta, promover a educação de cidadãos atuantes e conscientes no seio da sociedade multicultural e pluriétnica do Brasil, buscando relações étnico-sociais positivas, rumo à construção de nação democrática (p. 31).

Apesar de todo esse aparato legal, LDB, PCN e Leis, percebe-se que são poucas as ações da sociedade civil e do poder público que contemplam o cumprimento da referida lei. Isso pode ser observado em determinadas universidades que, salvo algumas licenciaturas em História, não adequaram os currículos das demais licenciaturas no que diz respeito a essa temática.

É notável também o desinteresse por muitas Secretarias de Educação que não fiscalizam as instituições de ensino particulares e públicas, e no caso das escolas, tanto as públicas, quanto as particulares não oferecem subsídios necessários, como materiais didáticos e formação continuada dos professores. Para agravamento desse lamentável episódio pesquisas apontam que a maior parte do corpo de docentes do ensino básico das redes pública e particular desconhece, ignoram ou não sabem como pôr essa lei em prática.

Os conteúdos de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana podem ser trabalhados de diversas maneiras que vão além da aula expositiva e do uso do livro didático. Para tanto, podemos utilizar filmes, músicas, ilustrações, capoeira, fotografias, cordéis, pinturas, etc. No entanto, o uso de qualquer um desses materiais, requer um planejamento adequado. Segundo Bettencour (2009, p. 255):

O rompimento com as formas tradicionais de trabalhar os conteúdos escolares não é uma tarefa fácil. Alguns especialistas do tema da interdisciplinaridade educacional, como é o caso de Ivani Fazenda, destacam a importância do engajamento do docente, enfatizando a necessidade de mudança de postura ante o conhecimento escolar, para que seja possível a realização de um trabalho interdisciplinar nas escolas. A organização curricular mais recente, oferece algumas possibilidades, como no caso das propostas com temas transversais. As dúvidas, no entanto, permanecem, e ao acompanharmos as práticas escolares nas escolas, percebemos a dificuldade de efetivação de trabalhos dessa natureza.

Como foi visto no decorrer desse trabalho é importante o estudo das manifestações culturais afro-brasileiras dentre os quais se faz necessário o estudo da história da capoeira, para que possamos conhecer um pouco mais dessa arte/luta. Ressaltamos ainda, a importância do ensino da capoeira nas escolas, através de aulas práticas, onde o professor de Educação Física pode ministrar as aulas de capoeira e para os profissionais que não dominam esta arte, seria necessário passar por um curso ou entrar num grupo de capoeira. Ao professor de História, caberia a abordagem teórica do tema. Assim, teremos a junção do popular com o acadêmico, da teoria com a prática, fazendo com que a tão falada interdisciplinaridade venha se concretizar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ultimamente, nas academias, nas escolas, Organizações não Governamentais (Ongs) e nos programas sociais do Governo Federal, a prática da capoeira tem sido feita, de maneira geral, como um trabalho de revitalização da história e cultura afro-brasileira, dos valores e da tradição original da capoeira, inclusive com o incentivo à trabalhos voltados para a prática dessa luta/arte. Existem, além disso, diversos estudos e trabalhos escritos por pesquisadores, praticantes e intelectuais (oriundos dos bancos acadêmicos ou não).

Nossa pesquisa teve o caráter qualitativo onde nos possibilitou a captação de indícios de como a capoeira pode auxiliar na aplicação da Lei 11.645/2008, que se refere a abordagem dos conteúdos referentes ao ensino da História e Cultura Afro-Brasileira nos estabelecimentos de ensino do país e encontramos na Escola Municipal de Ensino Fundamental Severino Marinheiro, um grupo de capoeira em plena atividade desde o ano de 2010, que nos possibilitou uma análise minuciosa da prática da capoeira como atividade pedagógica.

O resultado de nossa pesquisa aponta para a compreensão de que a experiências vividas na Escola Municipal de Ensino Fundamental Severino Marinheiro, pode ser levada para outros estabelecimentos de ensino, possibilitando a prática da capoeira com o caráter pedagógico e atendendo as determinações do Ministério da Educação (MEC).

Gostaria de expressar a grande satisfação da elaboração deste trabalho, além do desejo imenso de que ele possa contribuir para a efetivação do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira seja incluída nos currículos das escolas de ensino fundamental e médio, atendendo o disposto nas Leis 9394/96; 10.639/2003 e 11.645/2008. Ao findar este estudo, não por ter esgotado o assunto, tampouco respondido com profundidade as questões intrigantes sobre a temática, devido a sua extensão.

A caminhada chega ao fim, em um momento que não é o último e sim uma pausa para iniciar outra caminhada, aprendendo e reaprendendo, lendo e relendo histórias da capoeira e da escravidão brasileira, sob um novo olhar, construindo uma perspectiva de educação mais próxima à cultura, isto é, ao “capital cultural”⁸ do cotidiano dos estudantes negros, em especial aos das redes públicas. Este também é um momento que possibilita repensar as práticas educativas desenvolvidas, bem como perspectivar um fazer pedagógico baseado no prazer, na vivência plena das múltiplas formas de expressão.

⁸- O termo “capital cultural” é trabalhado por Pierre Bourdieu, que introduz a teoria de Marx em seu escritos pelo enfoque cultural. Ou seja, a cultura que tem mais visibilidade em determinada sociedade, ela tem mais prestígio, mais valor; valor de capital cultural.. Para saber mais sobre o assunto, ver: SILVA, Tomaz Tadeu da. Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

Para finalizar gostaríamos de dizer que, com esse trabalho, percebemos o quanto a capoeira tem crescido nos últimos anos, percebemos ainda que esse crescimento da capoeira exige dos Professores, Instrutores e Mestres um aperfeiçoamento para atender a demanda do mercado de trabalho cada vez mais exigente. E com a inserção da capoeira na escola, exige novos métodos de ensino por parte dos profissionais dessa área e que não dá mais para querer ensinar a capoeira com métodos do passado. Isso, sem deixar que caiam no modismo de uma sociedade onde tudo parece descartável, a preservação das tradições e dos rituais que envolvem a prática da capoeira, como o respeito ao mestre e aos mais velhos continua sendo o ponto chave para o praticante dessa arte/luta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ADORNO, Camille. **A Arte da Capoeira**. Goiânia/GO: Gráfica e Editora Kelps –6ª Edição, revista e atualizada: maio/1999 - 1ª edição: 1987.

A Filosofia da Arte-Luta: Pensamentos de Mestre Pastinha, disponível em: <http://capoeiraexports.blogspot.com.br/2011/01/pastinha-filosofia-da-arte-luta.html>>Acesso em: 06 Agosto 2012.

ASSOCIAÇÃO CULTURAL DE CAPOEIRA BADAUÊ, Disponível em: <http://www.capoeirabadaue.org/ACCB/Home.html>>Acesso em: 02 Julho 2012.

BURKE, Peter. A Escola Dos Annales (1929-1989): a revolução francesa da historiografia. Tradução Nilo Odalia. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.

BARROS, Manoel de-“**Capoeira-Qual é a sua?? Angola, Regional ou Contemporânea**”. Disponível em: <http://www.ime.usp.br/~salles/ceaca/capo1.html>. >Acesso em : 30 Julho 2012

BETTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de Historia**: Fundamentos e métodos-3ed. São Paulo: Cortez , 2009.

BENJAMIM, Roberto Emerson Câmara. **A África está em nós**: História e Cultura Afro-Brasileira. João Pessoa, PB. Editora. Grafset, 2004.

COSTA, Emilia Viotti. **Da monarquia à república**: momentos decisivos. 8. Ed. Revisada e Ampliada São Paulo: Fundação UNESP, 2007.

CHALHOUB, Sidney. **Visões de liberdade**: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

IPHAN REGISTRA CAPOEIRA COMO PATRIMONIO CULTURAL BRASILEIRAO. Disponível em: www.cultura.gov.br/site/2008/07/15/iphan-registra-capoeira-como-patrimonio-cultural-brasileiro. >Acesso em : 28 Agosto 2012

IBGE CIDADES. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=250770>. >Acesso em : 06 Novembro 2012.

LEI Nº 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003, Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm>Acesso em : 11 Julho 2012

MEC. INEP. **ALFABETIZAÇÃO E CAPOEIRA**, Jornal do professor de 1º grau, Brasília – DF, Setembro de 1986, Cartilha, p. 08. Disponível em:
http://www.capeirapedagogica.com.br/index.asp?a=projeto&c=projeto_importanciapedagogica. >Acesso em : 13 Novembro 2012

MOCELLIN, Renato. **Brasil: Para compreender a História/5ª Serie**. São Paulo. Editora Brasil, 1997.

PASTINHA, **Vicente Ferreira. Capoeira Angola Mestre Pastinha- 3ed** (Fac-similar). Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia. 1988.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS : história /Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília : MEC /SEF, 1998.

PINATTI, Djalmir e OLIVEIRA SILVA, Gladson de. (1984), **Capoeira: A arte marcial do Brasil**. 2 vols., São Paulo, Editora Três.

REGO, Waldeloyr. **Capoeira Angola: um ensaio sócio-etnográfico**. Salvador: Itapoã. 1968.

SABIÁ-Mestre de Capoeira, Grafiset.2004.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SOARES, Carlos Eugênio Libano. **A capoeira escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro**. 2 ed. Revisada e ampliada. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP/Centro de Pesquisa em História Social da Cultura, 2002.

SCHWARCZ, Lilia Mortiz. Nem preto nem branco, muito pelo contrário: Cor e raça na intimidade. In: Novais Fernando A.; SCHWARCZ, Lilia Mortiz, **História da vida privada no Brasil 4: Contrastes da intimidade contemporânea**. São Paulo, Cia das letras, 1998.

[WWW.senado.gov.br/legislacao/Listapublicacoes.action?id=6649](http://www.senado.gov.br/legislacao/Listapublicacoes.action?id=6649)>Acesso em 11 de Julho de 2012.